

LINGUAGENS E NARRATIVAS TRADICIONAIS DOS POVOS ORIGINÁRIOS DO ALTO RIO NEGRO (AM)¹

John Alexandre Dias Restrepo²

RESUMO

As linguagens e narrativas tradicionais dos povos indígenas do Alto Rio Negro, especialmente dos Dessano e Tukano, são essenciais para a preservação cultural e a identidade desses grupos. Transmitidas oralmente, essas narrativas não apenas preservam a história e os valores, mas também funcionam como formas de resistência cultural em um mundo globalizado. O artigo explora a importância da oralidade, dos rituais como o Kuarup e da memória coletiva na formação da identidade indígena dos povos Tukano e Dessano. Além disso, destaca a interconexão entre arte, mito e história, enfatizando a relevância da transmissão oral e a gestão cultural participativa para garantir a continuidade das tradições.

Palavras-chave: Oralidade; Cultura Indígena; Identidade; Resistência.

ABSTRACT

The traditional languages and narratives of the Indigenous peoples of the Upper Rio Negro, particularly the Wanano and Tukano, are essential for cultural preservation and identity. Transmitted orally, these narratives not only preserve history and values but also serve as forms of cultural resistance in a globalized world. This article explores the importance of orality, rituals like the Kuarup, and collective memory in shaping Indigenous identity. Furthermore, it highlights the interconnectedness of art, myth, and history, emphasizing the relevance of oral transmission and participatory cultural management to ensure the continuity of traditions.

Keywords: Orality; Indigenous Culture; Identity; Resistance.

-
- 1 Este artigo surgiu a partir da minha participação no Curso de Gestão Cultural em Contextos Tradicionais, a convite do Centro de Formação e Pesquisa do Sesc – São Paulo. O tema apresentado no curso foi “Linguagens e Narrativas tradicionais”. Ao decorrer do texto, convido ao leitor a conhecer e refletir um pouco sobre a cultura dos povos originários, em específico dos povos Dessano e Tukano, aos quais eu pertencço.
 - 2 Indígena do povo Dessana do Amazonas. Graduando em Licenciatura em Letras na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Estuda a língua tukano: “Morfologia das partes do corpo humana na língua Tukano”. Lattes <http://lattes.cnpq.br/3708848742372964>.

INTRODUÇÃO

As linguagens e narrativas tradicionais dos povos indígenas do Alto Rio Negro (AM) são formas de comunicação transmitidas ao longo das gerações, essencialmente através da oralidade. Durante minha infância, passei ao lado dos meus avós: minha avó Mandelena, do povo Wanano, e meu avô Sabino, do povo Tukano. Lembro-me perfeitamente de todas as noites em que nos sentávamos debaixo do pé de ingá: sempre começávamos ao anoitecer e ficávamos até o segundo canto do galo. Nossas conversas incluíam mitos, lendas, histórias, benzimentos e canções, com significados profundos sobre a nossa cultura, os nossos valores e a cosmovisão.

A oralidade sempre foi o meio de preservação cultural que não apenas mantém a nossa história viva, mas também ensina lições fundamentais sobre a vida, a natureza e as relações sociais com os outros grupos étnicos.

Além disso, nossas narrativas tradicionais servem como meio de resistência cultural e de luta. Em um mundo globalizado, atualmente muitas culturas enfrentam o risco de desaparecimento, por isso a valorização das narrativas orais se torna uma forma de afirmar a identidade e a autonomia dos povos indígenas. Por meio da contação de histórias, as comunidades não apenas preservam suas tradições, mas também recontam suas experiências, desafios e conquistas, reforçando a continuidade de suas culturas.

ESTUDOS DE TEXTOS E NARRATIVAS ORAIS

Os estudos de textos e narrativas orais são essenciais para compreender a diversidade cultural dos diversos povos indígenas que habitam e também fazem parte da sociedade brasileira. Ao analisar narrativas, como o “Ritual do Kuarup”, por exemplo, é possível observar como essas histórias estão entrelaçadas com a vida cotidiana e as práticas espirituais das comunidades. O Kuarup é uma cerimônia que celebra a memória dos seus entes queridos e envolve danças, músicas e a recontagem de histórias ancestrais.

O Kuarup também é uma celebração dos povos Xinguano. Santos (1952) descreve que é a única grande festividade da região, marcada por sentimentos de tristeza e luto. Antes do Kuarup, ocorre a festa do javari, que serve como preparação para a celebração maior. Essa festa foi introduzida no Xingu pelos povos Trumái e, posteriormente, incorporada por outras aldeias, sendo realizada em memória de um cacique falecido.

A cerimônia é sempre dirigida por um parente do falecido ou alguém que conviveu com ele, e não há um tempo fixo entre as cerimônias do Kuarup, podendo haver intervalos curtos e longos.

Durante a cerimônia tocam *uruá*³, fazem pintura corporal e vestem trajes festivos, como braçadeiras, diademas e colares. Ao longo da cerimônia, pedem que os espíritos malignos se afastem, desejando que a alegria reine no ambiente. Outro aspecto crucial para a festa é a pesca com timbó⁴, que envolve todos os guerreiros da aldeia, enquanto as mulheres ficam na aldeia preparando os beijus em grande quantidade para a celebração. Os pescadores se equipam para uma expedição que pode durar três dias ou mais, escolhendo locais com abundância de peixes. Eles fincam paus na água para formar uma barreira e, ao bater com timbó, conseguem direcionar os peixes para a armadilha. Após a pescaria, os peixes são assados sem serem limpos. A expectativa pela volta dos pescadores é grande, e, logo após, a data da festa é marcada, geralmente para alguns dias depois.

Outro exemplo relevante é a “Festa do Divino Espírito Santo”, que mescla elementos indígenas e cristãos, refletindo a complexidade das identidades culturais. Durante essa festa, as narrativas não apenas celebram a espiritualidade, mas também reafirmam a resistência e a adaptação cultural dos povos indígenas ao longo da história. Através dessas festividades, as comunidades expressam sua identidade e fortalecem laços sociais, evidenciando a importância das narrativas orais na construção da memória coletiva.

Para os povos Tukano e Dessano, todos os seres e elementos da natureza são de suma importância, temos que viver em harmonia, com respeito e cuidado. Para nós, tudo o que existe e está presente em nosso meio tem significado.

A divisão do *bejú*⁵ representa as quatro dimensões do mundo e os sistemas vitais. O beiju feito no forno de argila, assado sobre o fogo de lenha e dividido em quatro partes, carrega um profundo significado espiritual e cosmológico. O beiju não é apenas alimento do corpo, ele também alimenta a alma, a memória e a sabedoria ancestral dos povos indígenas do Alto Rio Negro.

A divisão feita em quatro partes iguais representa as quatro direções do mundo: Leste, Oeste, Norte e Sul. Cada direção possui sua força, seus espíritos, seus ensinamentos. Mas esses cortes não são apenas simbólicos: os espaços entre os pedaços do beiju são caminhos por onde corre a vida, são trilhas invisíveis onde circula o sopro do mundo, o movimento dos

3 Flauta feita de bambu. O instrumento só é tocado no Kuarup.

4 Casca utilizada para fabricar o tingui, muito usado na pesca dos povos originários.

5 Um alimento que provém da mandioca e um dos principais nas comunidades indígenas do Alto Rio Negro. O beiju tem uma variedade imensa, e cada etnia tem uma maneira de prepará-lo. Em geral, é feito a partir da massa da mandioca ou da goma.

pensamentos e das energias. A mulher indígena tem um papel fundamental na produção, pois é ela que contribui com seu conhecimento, seu cuidado e sua sabedoria transmitida de geração em geração. A mulher participa da vida do mundo não só como cuidadora do lar e da roça, mas também como portadora de saberes profundos.

Outra narrativa mais conhecida é do banco Tukano e o *Yaigu*⁶, que mencionei brevemente durante a apresentação. O banco Tukano (*kūmūrō*⁷) é muito mais que apenas um banco usado para se sentar durante as cerimônias, é a base de sustentação da existência humana e o alicerce que confere aos especialistas de *bahsesé*⁸, o *kumu*⁹, o *yai*¹⁰ e o *Bayá*¹¹. Podemos dizer que é uma condição que requer para refletir, interpretar e agir sobre o mundo, com conhecimentos ancestrais e capacidade de manter o equilíbrio entre as dimensões física e espiritual da vida.

O *Yaigu* ocupa papel central, pois é compreendido como um mediador cósmico que liga o *dihta paati*¹² e o *ômẽ paati*¹³. O primeiro refere-se ao domínio material e territorial, fonte de recursos e espaço de vivência dos seres; o segundo, ao plano espiritual e celeste, origem das forças e princípios que regem a ordem do universo.

A ligação entre esses dois planos é mantida pela ação do ritual e pelo conhecimento dos especialistas. É nessa interconexão que se estabelece o fluxo vital que garante as condições de vida para todos os seres humanos, animais, vegetais e espirituais. A ausência de equilíbrio entre o *dihta paati* e o *ômẽ paati* representa risco não apenas para a vida física, mas também para a continuidade da própria ordem cósmica.

MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE

A memória coletiva é um conceito que se refere ao conjunto de lembranças e narrativas que um grupo compartilha, moldando sua identidade cultural. Nos povos originários, as narrativas orais desempenham um papel crucial na formação dessa memória, pois permitem que os membros da comunidade se conectem com suas raízes e tradições. Essas histórias

6 Elemento importante e presente no benzimento de proteção do corpo.

7 Nome do banco em língua tukano.

8 Medicina oral e conhecimento tradicional.

9 Especialista benzedor.

10 Especialista curandeiro.

11 Mestre de cerimônias.

12 A camada da terra.

13 A camada celeste.

não são apenas um repositório de informações, mas também uma forma de ensinar valores, normas e comportamentos esperados dentro da cultura. Assim, a memória coletiva se torna um elemento fundamental para a sobrevivência e a resiliência cultural.

Os rituais que celebram os Ahusirõ Põrã¹⁴ e os Ñahuri Põrã¹⁵ são variados e ocorrem em diferentes contextos, como em colheitas, iniciações e festividades comunitárias. Durante esses rituais, utilizam danças e vestimentas tradicionais que evocam a presença dos espíritos.

Para Fernandes e Fernandes (2006), esses rituais são momentos de reafirmação da identidade cultural e de fortalecimento dos laços comunitários. A participação coletiva é um aspecto essencial, pois fortalece a união entre os membros da comunidade.

Além disso, a transmissão oral das histórias relacionadas a Ahusirõ Põrã e Ñahuri Põrã é uma prática vital para a preservação da cultura. Os mais velhos desempenham um papel crucial na educação das novas gerações, garantindo que os mitos e rituais sejam mantidos vivos. Como ressaltam Ñahuri e Kĩmaro (2003), a oralidade é o meio pelo qual os valores e conhecimentos são passados, assegurando a continuidade da cultura indígena. Os rituais não apenas celebram a espiritualidade, mas também abordam questões sociais e ambientais. A invocação dos Ahusirõ Põrã e dos Ñahuri Põrã serve para lembrar a comunidade sobre a importância da conservação da natureza e do respeito às tradições. A conexão entre espiritualidade e ecologia é uma característica marcante da cosmovisão Tukano de modo geral, que enfatiza a interdependência entre todos os seres vivos.

Dessa maneira, a afirmação da identidade através das narrativas é uma forma de resistência frente a processos de colonização e assimilação cultural. As comunidades indígenas utilizam suas histórias para reafirmar sua singularidade, promovendo um sentimento de pertencimento e continuidade, para garantir que as futuras gerações mantenham viva sua herança cultural e possam se identificar com suas tradições, contribuindo para a diversidade cultural.

PRODUÇÃO E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

A produção e a expressão artística nos contextos indígenas são profundamente influenciadas pelas narrativas tradicionais. As artes visuais

14 São os irmãos maiores dos Tukanos Ñahuri Põrã.

15 Irmãos menores do povo Tukano Ahusirõ Põrã.

(pinturas e grafismos presentes nas Casas dos Saberes), a música (sons e melodias das flautas sagradas) e a dança muitas vezes incorporam elementos das histórias ancestrais, funcionando como veículos para a transmissão de saberes e valores. Por exemplo, artistas indígenas contemporâneos frequentemente reinterpretem mitos e lendas em suas obras, utilizando técnicas tradicionais e materiais locais. Com isso, não apenas valorizam a herança cultural, mas também promovem um diálogo entre passado e presente, permitindo que as novas gerações se conectem com suas raízes e seus ancestrais. As artes indígenas servem como um meio de resistência e afirmação identitária em um mundo que muitas vezes marginaliza essas artes e culturas. Ao expressarem suas narrativas por meio da arte, os povos originários desafiam estereótipos e preconceitos, apresentando sua realidade de forma autêntica e poderosa. A arte torna-se, assim, uma ferramenta de empoderamento, permitindo que as comunidades ou grupos indígenas reivindiquem seu espaço na sociedade contemporânea e compartilhem suas histórias com um público mais amplo.

HISTÓRIA, MITO E MEMÓRIA

A distinção entre história e mito é fundamental para a compreensão das narrativas indígenas. Enquanto a história geralmente se baseia em eventos documentados e cronológicos, os mitos oferecem explicações simbólicas sobre a origem do mundo e a natureza humana. Para os povos originários, os mitos são tão reais quanto os eventos históricos, pois transmitem verdades profundas sobre a existência, a moralidade e as relações com a natureza. Esses mitos desempenham um papel vital na educação das novas gerações, ensinando-lhes sobre sua identidade cultural e os valores que sustentam suas comunidades.

A mitologia e a cosmologia do povo Tukano, por exemplo, são fundamentais para a compreensão de sua identidade cultural e de sua relação com o mundo. As narrativas mitológicas não apenas explicam a origem do universo e dos seres que nele habitam, mas também estabelecem normas sociais e valores que guiam a vida cotidiana. Ñahuri e Kūmaro (2003) ressaltam que os mitos são considerados sagrados e transmitidos oralmente de geração em geração, servindo como meio de preservar a memória coletiva do povo. A seguir compartilho o que eu ouvi de Ahkutō¹⁶.

16 Higino Azevedo, Tukano do clã Ahusirō Pōrã, meu sogro. É um dos que ouço as narrativas quando estou na minha comunidade.

Os mitos Tukano frequentemente envolvem a figura de seres sobrenaturais que interagem com os humanos. Esses seres, como os espíritos da floresta e das águas, são vistos como protetores e guias. A cosmologia Tukano é caracterizada pela crença em um mundo interconectado, onde tudo está em harmonia. Essa visão é refletida em suas práticas rituais, que buscam manter o equilíbrio entre os seres humanos e as forças da natureza. (Transcrição minha da fala do Ahkutõ.)

Uma das narrativas mais conhecidos entre os Tukano é a “história da criação”, que narra como o mundo foi formado a partir do caos primordial. Nesse mito, a intervenção de seres divinos é crucial para a organização do universo e para a criação dos elementos naturais. “Para nós, os Tukano, essa narrativa não apenas explica a origem do mundo, mas também reforça a importância da natureza na nossa vida, os Tukano; é um elemento sagrado e essencial para nossa sobrevivência” (transcrição minha da fala do Ahkutõ).

A cosmologia Tukano também é marcada pela presença de dualidades, como o masculino e o feminino, o bem e o mal, e a vida e a morte. Essas dualidades são frequentemente representadas em suas histórias e rituais, refletindo a complexidade da existência humana. A interação entre esses opostos é vista como necessária para a manutenção da ordem cósmica e social. Ñahuri e Kūmaro (2003) enfatizam que essa dinâmica é essencial para a compreensão das relações sociais e espirituais dentro da cultura Tukano.

Os rituais realizados pelos Tukano têm o objetivo de celebrar eventos importantes, como colheitas e iniciações, pedir proteção e bênçãos dos espíritos:

Durante esses rituais, as narrativas mitológicas são frequentemente recontadas, reforçando a conexão entre passado e presente. A dança e as vestimentas tradicionais são elementos essenciais que enriquecem nossas celebrações e mantêm vivas as nossas tradições culturais. (Fala de Ahkuto.)

Através da reinterpretação de mitos, as comunidades podem abordar questões atuais, como a luta pela terra, a preservação ambiental e a afirmação de direitos, demonstrando a vitalidade e a resiliência da cultura indígena.

Por fim, gostaria de ressaltar que em um mundo em constante mudança, a preservação dessas narrativas é vital para a continuidade das nossas tradições. A valorização das nossas mitologias é uma forma de

resistência cultural e um reconhecimento da importância das diversas visões de mundo que existem e que podem contribuir para um diálogo mais respeitoso e inclusivo entre as diversas culturas.

TRANSMISSÃO ORAL E SEU INTERESSE PARA GRUPOS INDÍGENAS

A transmissão oral é um dos pilares da educação nas comunidades indígenas, em que o conhecimento é passado de geração em geração através de histórias, canções e ensinamentos. Esse método de ensino é fundamental, pois não apenas preserva a cultura, mas também fortalece os laços familiares e comunitários. Os mais velhos, como o meu avô e meu sogro, desempenham um papel crucial nesse processo, atuando como guardiões da sabedoria ancestral e transmitindo não apenas informações, mas também experiências e valores. A oralidade permite que as narrativas sejam adaptadas e reinterpretadas, assegurando que continuem a ressoar com as novas gerações.

Os desafios enfrentados pelos Tukano em relação à preservação de suas tradições e mitologias são significativos, especialmente em um contexto de modernização e exploração de suas terras. A luta pela demarcação de terras e o reconhecimento dos direitos indígenas são questões centrais que impactam diretamente a prática de seus rituais e a continuidade de suas crenças. Fernandes e Fernandes (2006) nos lembram que a resistência cultural é essencial para garantir que os Ahusirõ Põrã e os Ñahuri Põrã continuem a ser parte da vida cotidiana dos Tukano. A revitalização das tradições, através de iniciativas comunitárias e educacionais, tem sido uma estratégia importante para enfrentar esses desafios. Os jovens estão cada vez mais envolvidos na reinterpretação e na prática de suas tradições, buscando formas de integrar seus conhecimentos ancestrais com as demandas contemporâneas. Ñahuri e Kũmaro (2003) enfatizam que a nova geração está buscando um equilíbrio entre a modernidade e a preservação de sua identidade cultural.

As narrativas sobre a criação dos Tukano Ahusirõ Põrã e Ñahuri Põrã são fundamentais para compreender a cosmovisão indígena e a conexão que esses grupos têm com o universo.

Resumidamente – para contar a narrativa completa, teríamos que ter uma edição apenas esta narrativa –, a narrativa começa com Ye'pa Oãku¹⁷, um dos primogênitos dos Ye'pa Mahsã¹⁸, que busca a ajuda do Avô do

17 Primeiro ser humano que existiu na Terra.

18 Gente da primeira transformação.

Universo para transformar os seres humanos. Esse pedido de auxílio revela a importância das divindades e dos rituais na criação e na manutenção da vida. Segundo Ñahuri e Kūmarō (2003), “Ye’pa Oākū entrou em contato com o Avô do Universo pedindo sua ajuda para a transformação dos seres humanos” (Ñahuri; Kūmarō, 2003, p. 177). O Avô do Universo fornece a Ye’pa Oākū instruções detalhadas sobre como utilizar os elementos do universo para realizar a transformação. Ele apresenta diversos instrumentos na Maloca do Céu, elementos essenciais para o processo de criação. Essa descrição não apenas ilustra a riqueza do conhecimento ancestral, mas também destaca a interdependência entre os seres humanos e o cosmos. Para os Ahusirō Pōrā e os Ñahuri Pōrā, Ñahuri e Kūmarō (2003) defendem que “na Maloca do Céu (Umusé Wi’ikhā) existem vários instrumentos” (Ñahuri; Kūmarō, 2003, p. 177) que são sagrados, enfatizando a conexão espiritual entre os mundos. O processo de criação dos seres humanos é um dos momentos mais significativos da narrativa. Essa transformação é acompanhada por rituais que mostram a importância da espiritualidade na cultura indígena. Ñahuri e Kūmarō (2003) mencionam que “os ossos caíram pulando, transformando-se em seres humanos: homens e mulheres” (Ñahuri; Kūmarō, 2003, p. 179), o que mostra a magia e o ato de criação. Depois, surge Doetiro¹⁹, um dos primeiros a emergir da cuia da transformação, assumindo um papel de liderança ao guiar os primeiros seres. A jornada dos Pamuri Mahsā²⁰ em direção ao norte foi repleta de desafios e adversidades, incluindo encontros com diversos seres invisíveis. Esses desafios são representações das lutas enfrentadas pelos povos indígenas em suas próprias histórias, simbolizando a resistência e a perseverança diante das dificuldades. Depois, o trecho “gente da Transformação, logo partiu para sua viagem ao norte por baixo d’água” (Ñahuri; Kūmarō, 2003, p. 185) indica a determinação dos protagonistas em cumprir seu destino.

Outro aspecto importante da narrativa é a origem dos instrumentos musicais, que são fundamentais para a expressão cultural e espiritual dos Tukano Ahusirō Pōrā e Ñahuri Pōrā. A derrubada da pedra *wayukă*, que resulta na criação de instrumentos, é um momento de união entre os animais e os humanos, mostrando a coletividade e a colaboração entre as espécies. Higino Ahkutō nos lembra que um dia os “Pamuri Mahsā combinaram de procurar os instrumentos”, o que destaca a importância da música e da dança na cultura indígena. A seguir compartilho uma breve narrativa mencionada por mim durante a minha apresentação, sinto que

19 Irmão maior dos Tukano, foi o primeiro ser que existiu no mundo, é o comandante do barco da humanidade.

20 Todos os seres humanos de cada clã que estavam dentro da cobra-canoa da primeira transformação.

é importante compartilhar esta narrativa que ouvi, ouço e irei transmitir para as futuras gerações.

A narrativa a seguir, que ouvi do meu avô Sabino e meu sogro Higinho, foi escrita por mim Abé²¹ em língua tukano e traduzida para a língua portuguesa adequada para o entendimento do leitor. Gostaria de lembrar ao leitor que há palavras que são impossíveis de traduzir para a língua portuguesa; ao traduzir, a narrativa pode perder a sua originalidade e sentido.

Tho weró mārĩ po'terikharã a'topure Mārĩ nimĩba.

Tho weró nēwaropure, kũ umũkho ñehkũ, nĩpu nise niwũ, umũkho ñehkũ, mārĩ mahsã marĩrĩkũrapu kũ nikũ niwĩ. Tho wegũ, mārĩ mārĩka ñaagũ, kũ umũkho ñehkũ, kũ mhã nii, au, yũ'u ati patire yũ'u bahurēthoa nĩpu, tho wegũ, a'ti umũkho nirãpe mahsã du'sama nii, kũ mahsã amapu, niwĩ.

Tho wegũ mahsã amagutĩgũmha, kũ umũkho ñehkũ, to umusepu wi'ikhapu nĩpu niwĩ. kũ umũkho ñehkũ, tho wegũ, topũ nigũmhã, a'ti pati bahurēthoa, kũ nigũmhã, u'muse wi'ikhãpu nigũ mhã a'ti pati mahsã nirã amaguti mhã kũ mhã marĩre bahurēgũti, tho wepũ niwĩ, a'rã miriã Põrã mahsã niaharã amapũ niwĩ, miriãPõrã mirikhuarẽ, arã baroa mahsãre emapu, arã phĩkõsea, arã siripia mahsãre, arã weeritero mahsã, nare amapũ niwĩ, napũ amamhã, a'tiape midihatĩgũti wepũ, umuse wi'ikhãpu nikũ. Tho wee, midihatĩgũti mhã u'muse wi'ikhapu kũ me'rã sũhtũa diathipara, sũhtũa dihati, sũhtũa diathi nã nipetirã mirĩkhũã a'ti patipũ mahsã mārĩ wero'nho nirã bahureguti wepũ niwĩ. Newaro ma nãa miriãPõrã mahsapu heonukõ to midiha sũhtũa diatipu niwĩ, tho werama torema to midihati wegũmhã ató diá ohpekõ dihtara nĩsa niwĩ, dia ohpekõ ditara nisa nirã. Tho weramarĩrẽ nãa buhkũã nirã na tuoñaropure ató Rio de Janeiro nisa tó dia ohpekó dihtara nãa nirõre. Toremhã ti dihtara buirema mi diata nuka sũhtũa

“Sabe por que nós indígenas vivemos aqui?”, dizia meu avô.

Desde o princípio, ouvimos dizer que existiu *umũkho ñehkũ*, o primeiro a existir. Então, ao ver que não existia nada, ele pensou: “Já criei esta terra, agora irei criar seres humanos que irão habitar esta terra”, então começou a procurar seres para prosseguir seu plano. Então, *umũkho ñehkũ* começou a procurar. Como ele estava em *umusepu wi'ikhapu*, começou a procurar os *miriã porã, miriaporã mirikhuarẽ, baroa, phĩkõsea, siripia*. Ao reunir todos, agora ele tinha que trazer eles para a terra, pois todos ainda se encontravam em *umusepu wi'ikhapu*. Todos reunidos, agora o próximo passo era descer juntos com *umũkho ñehkũ*. Desceram em forma de círculo até chegar em *ohpekõ dihtara* ou também conhecida como *dia ohpekõ dihtara*. Por isso nossos ancestrais diziam que esse lugar fica no Rio de Janeiro, para ser mais exato, é na baía de Guanabara. Após chegar nesse lugar, os *baroã, phĩkõsea* ficaram voando em forma de círculo em cima do *ohpekó dihtara*, que é um lago. Todos eles ficaram voando em cima desse lago, até quando chegou o tempo que o *umũkho*

21 Nome tradicional do povo Dessano dado a John. Significa *filho do sol*.

*nã siaparãmhã nãa mirĩkhuã arã baroã mah-
sã, phĩkõsea mahsã na sutuapara niwĩ, sũhtua,
sũhtuasias, torõ muhsã sũhtua werasa kũ nika-
ro heakanã naa diapurmhã dohkepamadiaparã,
tiapre wa'ímahsãpe wamhaparã niwĩ, mirĩkhuã
nikarã mã, tho we nãa buhsá, até nãa wusé nike
diakhũ wakapamhãporõ.*

*Tho we tha nukõ, tó dia ohpekõ wi'ii mhã, to
Rio de Janeiro emhã, kũ mhã Ye'pa Oãkũre ema-
pu mhã atiro mārĩ weronho uhputigu nipũ mhã,
kũ Umũkho Ñehkũ nikũ mhã Ye'pa Oãkũ mhã
kũre emamhã kũ niisami muhsã mahsã mami ni-
sami kũ nikũ nipũ kũ Ye'pa Oãkũ. Kũ mhã ti dia
Ohpekõ wi'iremhã, kũ Ye'pa Oãkhu mhã nare
mimoroduhpopu, niwĩ, atiro wa'ímahsã wamhã,
nare mhã tó dia ohpekõ wi'ire mhã kũ Ye'pa
Oãkũ, mhã mimoroduhpopu mhã niwĩ pahã ni-
petise kũrari niharemhã mi moroduhpó tho wa-
rosa ni nirõremhã ñakasa nukõ mimorodupo nãa
te Bahsamori kũ bahsapũ, bahsã bahuri mahsã
warasa nirõre bahsapũ, niwĩ' i um ñehkũ tore ma
yũ'ũ kerãmhã ahkoboasama nã tho bahsaparã
nirõre mã. Hea mhã ti nũmũ nikã tho warosa-
tonimhã, tiapre pa'mũ whia yuhkũsũ re emaguti
wepũ niwĩ, pamuri yuhkũsũ kũ Ye'pa Oãkũ mhã
niguma tigũre ñanurõ muti mahsã to bahuaha-
re ñanurõ mutiguti wepu. Kũ umũkho Ñehkũ tho
wusamu nikũ nipũ niwĩ.*

*Topũ nisa mārĩ dia Ohpekõ dihtarãpu nisa,
nãa miriã Põrã mahsã hea nukaheia nãa dohke-
padihakaro topũ mārĩ pa'mũ wi'ihatipa nise
niwũ niwĩ. To pamuri yuhkũsũ merã mārĩmhã
ahpe nũmũ ti nũmũ nika tho warosa nii ti pamuri
yuhkũsũ remhã ñakasa nukõ , to pehhtare we-
tuopopu niwĩ ti pamuri yuhkũsũre mhã wetuopo
naremhã saya muhsã nipũ niwĩ, nare misorõpũ
tigu popeapu ti pamuri yuhkũsũ warotiro wepo-
ro tiipure niparã mahsãre nipetirã mahsã kũra-
ri niharema mii sorõpeo, naaremhã tho werã ti
nũmũ nikã wi'iarã Mārĩ nii too wamutipu mhã
niwĩ. Ti pu kũ mhã tigũre ñanurõ mutigu wepu
niwĩ, te waimahsã dia patipu atiro tiro weporo,*

ñehkũ havia determinado, todos caí-
ram na água. Assim que tiveram con-
tato com a água, os que antes eram
aves se transformaram em *waimah-
sã*, então, apenas as suas plumagens
boiaram.

Depois de ter feito isso, ali onde cha-
mamos de *ohpekõ wi'ii*, Rio de Janeiro,
umũkho ñehkũ começou a procurar
o *Ye'pa Oakhure*, ele deveria ser as-
sim como nós humanos, ele para nós é
nosso primeiro grande irmão. Depois
de encontrar o *Ye'pa Oãkũ*, se deram
os procedimentos dos surgimentos de
todos os grupos étnicos existentes.
Nos momentos em que eles estavam
surgindo, *Ye'pa Oãkũ* e seus irmãos
cantavam juntos, cantavam uma can-
ção para aquela ocasião, que era o mo-
mento da transformação, que antes
eram aves, agora estavam se tornan-
do pessoas. *Ye'pa Oãkũ* viu que que ti-
nha chegado o momento para seguir
o caminho. Para seguir, procurou o
pamuri yuhkũsũ, é dentro dele que
todos os grupos étnicos iriam seguir
e dar sequência dos surgimentos de
cada povo. Isso era parte do plano de
umũkho Ñehkũ, e tudo teria que se
concretizar.

Ohpekõ dihtara é o lugar onde os *mi-
riã porã* surgiram e apareceram pri-
meiramente. Um certo dia, no dia que
Ye'pa Oakhure havia planejado, começou
dar sequência, pensou em como criar
algo que transportasse todos, e criou o
pamuri yuhkũsũ, que surgiu no porto.
Logo em seguida, pediu que todos en-
trassem e disse: “No dia certo iremos
seguir o nosso destino”. Quando che-
gou o dia, também chegava a responsa-
bilidade de cuidar do *pamuri yuhkũsũ*
e dos futuros *Ye'pa mahsã*, todos

dia pati pamuri yuhkusu niporo niwĩ, ati phe wi'ise-ri niwũ niteyu, ñanã ato Rio de Janeiro pu yu'u heomipuba yu'u to wamuti ató atima pito "RIO NEGRO PITÓ" to niporo manuwi'i dia manuwi'i niporo tó dia manuwi'irimhã kã ehtapu niwĩ ehta atiro Mārĩ ato nito ni, nãa tomhãnuparã niwĩ siori mahãnuhpu kã niwĩ, tho we kã naare siori bahsaguti wepu pamuri mahsã nii Mārĩ nii Ye'pa bahurimahsã ninorosa nita siori bahsapu niwĩ, te nã buhkãrã tee bahsamori kũokũ wa nigute yu'u niwĩ siape merã a'te ñewemibato yu'u kerã añuro tuo nũrũ atiro niyumhã tuo nũrũ buhtia webuhtiatisa niwĩ. Tore wethoa nukõ nikanũmũ bahsa borea, ahpe nũmũ tha to manuwi'iretha atiparã niwĩ.

vinham nas profundezas dos rios *waimahsã dia patipu*, e chamou então de *dia pati pamuri yuhkusu*. A viagem durou bastante até chegar aonde nós chamamos de Manaus, conhecida por *dia manuwi'i*. Todas eles naquele tempo eram seres muitos poderosos e tinham bastante receio de cada lugar que a que iriam chegar, e foi assim que aconteceu em *manuwi'i*. Antes de tudo fizeram o reconhecimento do lugar e se oferecia perigo a todos, viu que tudo era seguro e saíram do *pamuri yuhkusu*, então, lhes deu o nome. A partir daquele momento seriam conhecidos como *Ye'pa bahurimahsã*, e assim fizeram uma grande cerimônia. Hoje em dia, a nossa geração, poucos sabem desses cantos e desses rituais ou poucos lembram. A cerimônia durou um dia e, assim que terminou, todos entraram em *pamuri yuhkusu* para poder seguir o destino.

Podemos ver que a valorização tradicional e cultural dos Ahusirõ Põrã e dos Ñahuri Põrã é um aspecto fundamental para a construção de um futuro sustentável e respeitoso com a diversidade cultural. A luta pela preservação das mitologias e práticas espirituais dos Tukano é uma forma de resistência e afirmação de sua identidade em um mundo em constante transformação. Cabalzar e Ricardo (1998) alertam que a cultura indígena é um patrimônio que deve ser protegido e celebrado.

Entretanto, a transmissão oral enfrenta desafios significativos em um mundo cada vez mais digital e globalizado. A influência de culturas externas e a migração para áreas urbanas podem ameaçar a continuidade dessas práticas. Portanto, é essencial encontrar formas de integrar suas tradições orais nas novas realidades, utilizando a tecnologia e outros meios contemporâneos para compartilhar suas histórias e conhecimentos. Essa

adaptação é vital para garantir que as vozes indígenas permaneçam vivas e que suas narrativas continuem a enriquecer a diversidade cultural.

GESTÃO CULTURAL DAS MANIFESTAÇÕES TRADICIONAIS

Gostaria de responder as perguntas a seguir, confesso que há muitos meios.

Como podemos pensar a gestão cultural das manifestações tradicionais?

A gestão cultural das manifestações tradicionais deve ser baseada em uma abordagem participativa e respeitosa, que envolva as comunidades diretamente. Isso implica reconhecer e valorizar o conhecimento local, promovendo a inclusão dos povos originários nas decisões que afetam suas culturas. Para um modelo de gestão eficaz, sem dúvida deve ser colaborativo, permitindo que as comunidades tenham voz ativa na preservação e na promoção de suas tradições. Isso pode incluir a criação de espaços de diálogo entre os gestores culturais e as lideranças comunitárias, onde possam discutir estratégias que respeitem e reflitam a diversidade cultural.

A realização de oficinas com participação da comunidade não indígena, assistindo aos mais velhos das comunidades ensinando as novas gerações sobre rituais e narrativas orais, garante que esses saberes sejam transmitidos de forma autêntica e é essencial para que o público visitante assista, reconheça e valorize as práticas tradicionais. Além disso, eventos culturais, como festivais e exposições, podem ser organizados em parceria com as comunidades indígenas, permitindo que elas apresentem suas tradições ao público de maneira digna e respeitosa.

Depois do registro do patrimônio imaterial, como proceder para que não haja musealização das tradições?

É crucial que haja um acompanhamento contínuo e uma abordagem dinâmica que evite a musealização das tradições. Isso significa que as práticas culturais devem ser reconhecidas como vivas e em constante evolução, e não como elementos estáticos a serem exibidos em um museu. Para isso, é importante promover a valorização das tradições em seus contextos originais, incentivando a prática contínua e a adaptação das manifestações culturais às novas realidades sociais. Em vez de apenas documentar um ritual, as instituições culturais podem apoiar a realização regular desse ritual nas comunidades, integrando ao calendário cultural local. Além disso, podem ser promovidos intercâmbios culturais, onde diferentes comunidades compartilhem suas práticas, permitindo que as

tradições se enriqueçam mutuamente e se mantenham relevantes, reconhecidas e respeitadas.

Como aproveitar os saberes tradicionais no âmbito acadêmico sem descaracterizá-lo?

Os saberes tradicionais no âmbito acadêmico requerem uma abordagem crítica e respeitosa, que valorize a perspectiva dos povos originários. É essencial que os acadêmicos colaborem com os detentores desse conhecimento, reconhecendo suas vozes e experiências como fundamentais para a pesquisa. As instituições, de maneira geral, podem fazer parcerias que garantam que os saberes indígenas sejam integrados de forma autêntica nos currículos acadêmicos, sem serem descontextualizados ou reinterpretados de maneira inadequada. A criação de programas de intercâmbio entre universidades e comunidades indígenas pode facilitar essa colaboração. Os alunos podem participar de projetos de pesquisa que envolvam a documentação de práticas tradicionais, trabalhando diretamente com os membros da comunidade. Além disso, a inclusão de cursos sobre culturas indígenas e suas narrativas nas universidades pode promover uma compreensão mais profunda e respeitosa dos saberes tradicionais, contribuindo para a formação de um conhecimento acadêmico que valorize a literatura e a diversidade cultural brasileira.

Por fim, com este artigo destaco a vital importância das narrativas orais e das práticas culturais dos povos indígenas, especialmente dos Desano e dos Tukano, na preservação de suas identidades e na resistência cultural. Através da oralidade, transmitem não apenas suas histórias e valores, mas também constroem uma memória coletiva que é fundamental para a continuidade de suas tradições em um mundo globalizado. O ritual do Kuarup, por exemplo, não contém apenas celebrações, mas também momentos cruciais de reafirmação cultural e social, em que a interconexão entre arte, mito e história se torna evidente. Assim, proponho uma reflexão sobre a importância de valorizar e respeitar essas narrativas como formas legítimas de conhecimento e resistência.

Além disso, é necessária uma gestão cultural que respeite e envolva as comunidades indígenas na preservação de suas tradições. A abordagem participativa é essencial para garantir que as vozes dos povos originários sejam ouvidas e que suas práticas culturais não sejam reduzidas a meros objetos de musealização. A adaptação das narrativas orais às novas realidades, utilizando tecnologias contemporâneas, é uma estratégia para assegurar a continuidade e a relevância dessas práticas históricas e culturais. Dessa forma, a intenção do artigo não é apenas registrar a riqueza cultural dos povos do Alto Rio Negro, mas também é um chamado à ação

para a valorização e a proteção de suas identidades e saberes em um contexto de crescente homogeneização cultural.

REFERÊNCIAS

- CABALZAR, A. RICARDO, C. A. **Povos indígenas do Rio Negro**: uma introdução à socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira. 3 ed. rev. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 1998.
- DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 25 set. 2025.
- FERNANDES, A. C. (Diakūru); FERNANDES, D. M (Kisibi). BueriKādiri Marīriye. **Os ensinamentos que não se esquecem**. Santo Antônio, Rio Tiquié: UNIRT/FOIRN, 2006. (Coleção Narradores Indígenas, volume 8.)
- ÑAHURI; KÛMARÕ. **Dahsea Hausirõ porã ukūshe wi’iophesase mera bueri turi** – Mitologia Sagrada dos Tukano Hausirõ Porã. Unirt/FOIRN: São Gabriel da Cachoeira, 2003. (Coleção Narradores Indígenas, volume 5.)
- ÑAHURI, Miguel Azevedo; KÛMARÕ, Antenor N. Azevedo. **Mitologia Sagrada dos Tukano Hausirõ Põra**. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, 2006.
- SANTOS, Y. L. DOS. A festa do Kuarup entre os índios do Alto-Xingu. **Revista de Antropologia**, 1956, p. 111-116.
- UMUSÍ, Pārõkūmu; TORĀMU, Kehíri. Antes o mundo não existia. **Mitologia dos antigos Desana-Kihíripõrã**. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, 1995. Primeira edição de 1980.